

## **CLÁUDIO MARQUES – Diretor do Espaço Itaú de Cinema Glauber Rocha**

Cláudio Marques nasceu em Campinas, em 1970, e mora em Salvador desde 1982. Foi editor e crítico do jornal *Coisa de Cinema* de 1995 a 2003, responsável pela programação da Sala Walter da Silveira de 2007 a 2009 e, desde 2009, dirige e é o principal programador do Espaço Itaú de Cinema Glauber Rocha, complexo com quatro salas de cinema no Centro Histórico de Salvador. Também é o fundador e coordenador do *Panorama Internacional Coisa de Cinema*.

### **1. Quem é Cláudio Marques?**

Eu tenho pais baianos, avós baianos... Nasci em São Paulo, em Campinas, vim para cá [Bahia] ainda adolescente, moro aqui desde 1982. Desde 1995 eu trabalho com cinema de alguma forma – comecei como crítico de cinema, depois passei a atuar como exibidor através da organização de festivais. Passei a ser diretor, produtor, editor, montador e roteirista dos meus filmes. Na verdade, eu sou autor/cineasta e, assim, eu sou autor/roteirista de meus filmes. Poucas vezes produzi para outros – normalmente eu trabalho para os meus filmes, junto com Marília Hughes Guerreiro. Idealizei, formei e acompanhei todo o processo de construção do Espaço Unibanco de Cinema Glauber Rocha, que agora é Espaço Itaú de Cinema Glauber Rocha.

### **2. O que você entende por cultura?**

Cultura sempre é um conceito muito amplo... Eu gosto de pensar a cultura como algo que alimenta e que faz entender um pouco melhor a vida e ajuda a compreender mais a nossa existência. Então a cultura, de fato, é uma coisa muito complexa, que não vem apenas da teoria, eu gosto muito da prática – acho que a prática deve ser tão valorizada como a teoria. O Brasil é um país que, de maneira geral, valoriza mais a teoria - e eu gosto da ideia de valorizar ambos os campos. Cultura é tudo que pode nos enriquecer como seres humanos, de forma geral.

### **3. Como você avalia as políticas culturais e o mercado audiovisual da Bahia nos últimos anos?**

É uma questão complicada, porque se você pensar na década de 1990 não tínhamos política alguma, não tínhamos um desenvolvimento cultural, era mínimo, também o cinema da Bahia quase não existia. Hoje nós temos. É pouco, mas temos. Houve, com o governo do PT, um esforço para que se desenvolvessem conceitos e ideias. Mas não consegui ver até hoje uma política, entendendo a política como “nós estamos aqui, vamos passar por aqui e vamos chegar lá”. Não existe uma coisa formatada nesse sentido, inclusive com um diálogo aberto, franco com as pessoas da classe [artística] – tudo é muito partidário. Então a gente ainda não conseguiu estabelecer uma política, conceitos, metas e também uma harmonia e um diálogo consensual entre o governo, dirigentes, gestores e a classe artística.

#### **4. O que você pensa sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismos de financiamento da cultura? Essas políticas conseguem atender as necessidades do mercado audiovisual da Bahia?**

Elas são importantes, mas a gente não tem uma política mesmo – porque o edital não é uma política em si, ele é um instrumento da política. A política é verdadeiramente pensar onde estamos, para onde vamos e vamos passar por onde, em termos de produção, distribuição e exibição, isso falando de cinema. Quantos festivais de cinema a gente vai ter? Aonde a gente vai ter? Como a gente vai criar esses festivais? Quantos filmes vão ser distribuídos, como eles serão distribuídos? Quantas salas de cinema públicas? A cinemateca, vamos falar de preservação. Não pode falar de política se a gente não fala de preservação, não existe nada voltado para a preservação na Bahia. É só produzir coisas novas? A gente não pode só produzir coisas novas sem pensar na produção, na distribuição e na exibição, na quantidade de festivais, na relação entre os festivais. Então os editais, para alcançar os pontos estipulados na política eu acho fantástico. Acho que ainda persiste a política de balcão também, quer dizer, se você conhece a pessoa, você consegue alguma coisa a mais. Então isso precisa acabar radicalmente. A gente precisa ter comissão de fora para os editais, inclusive pessoas de fora do Estado. Os editais são instrumentos, eles não formam uma política por si só.

#### **5. Qual o papel da iniciativa privada no financiamento à cultura?**

Poderia ser bom, mas é mínimo. O problema da iniciativa privada é que dificilmente pensa nas novas linguagens, em coisas que não interessem imediatamente o público. E para que o cinema exista é preciso que existam também curtas-metragens, pessoas que oxigenem o cinema e o desenvolvimento linguagem de maneira geral, e isso não necessariamente vai agradar o público num primeiro momento, não vai ter um retorno imediato. O papel do Estado é fundamental nisso, ele jamais vai poder deixar de ocupar esse espaço. As principais cinematografias no mundo existem porque o Estado está, no mínimo, regulando fortemente a atividade... E ele também dá dinheiro. Uma coisa que eu acho importante é que as grandes empresas e os canais de televisão – como acontece na França, por exemplo, sejam sensibilizados a participar do desenvolvimento da linguagem cinematográfica, a investir em jovens cineastas. Para a gente construir um mercado cinematográfico no Brasil, uma coisa que não existe ainda, a gente precisa ter o curta-metragem, o cinema de autor e o cinema comercial. Então a gente não pode desesperadamente só querer ter o cinema comercial ou só o cinema de autor, como às vezes acontece. Parece que os filmes financiados pelo Estado precisam ser de autor e os filmes financiados pela iniciativa privada tem que ser desesperadamente comerciais. E normalmente nem uma coisa nem outra funciona, então a gente ainda precisa achar uma equação para construir esse mercado.

#### **6. O que você pensa sobre a gratuidade do acesso a produtos e bens culturais?**

É complicado. A gente tem que fazer com que as pessoas se habituem a pagar. Eu acho que um dos grandes problemas das últimas décadas é que as pessoas se desacostumaram a pagar pelos bens culturais. As pessoas falam, “ah, ir ao cinema é caro” e é normal que eles paguem por uma cerveja. Ir ao cinema ou ao teatro acaba sendo uma coisa muito difícil. A gente já fez experiências aqui bem interessantes, de abaixar radicalmente o valor do ingresso e não necessariamente a gente ter um aumento da quantidade de pessoas. Então o problema não é o preço, é das pessoas perderem o hábito de pagar pelos produtos culturais. Eu acho que isso aconteceu muito na década de 1990, quando a gente teve o fechamento de diversos espaços culturais, das salas de cinema... Então a população de uma maneira geral perdeu o hábito de pagar pelos bens culturais. Eu não sou a favor da gratuidade. O ideal seria que a gente não precisasse do Estado nesse momento, para manter a atividade cultural. Ou então equilibrar o máximo possível, é interessante que as pessoas paguem, cada vez mais, para entrarem no cinema, no teatro.

#### **7. E quanto à política da meia-entrada?**

É complicado, porque isso foi desvirtuado há muito tempo. Os produtores culturais sofrem muito aqui. Não apenas em Salvador, mas eu acho que Salvador é um dos lugares que mais se sofre com isso. Aqui no cinema, 70% do público tem meia-entrada. Eu sei que 70% dos frequentadores daqui não são jovens. Tem um público mais velho que está aqui. Eu já vi médicos com carteira de meia-entrada. Eu acho que isso se desvirtuou e quem mais sofre com isso são as pessoas que tem, de fato, direito à meia-entrada. O que acontece, não no cinema exatamente, mas em outros espetáculos, é que fica muito mais caro o ingresso. Então quem, de fato, deveria aproveitar, acaba não aproveitando. Precisaríamos moralizar isso e encontrar regras mais duras para que só os estudantes tenham a carteirinha de meia-entrada e pronto.

#### **8. Quais projetos de formação de plateia e democratização de acesso já foram realizados e quais são os resultados?**

A gente tem o *Clube do Professor*, que é uma sessão gratuita dos filmes que vão entrar em cartaz ainda, aos sábados. É interessante que os professores tem se reunido cada vez mais também após os filmes para discutir e debater e é bacana que eles recomendam os filmes para os alunos. Quer dizer, a gente acaba pegando os professores ao invés de pegar os alunos. Vou falar um pouco mais das ações do *Coisa de Cinema* que acontecem no espaço... A gente tem o *Panorama*, em que a gente vai às escolas com os curtas-metragens que a gente exibiu nas edições passadas para discutir com os alunos, que é uma forma também de preparar para o festival, para que esses alunos estejam mais tocados, mais dispostos a ver filmes que a priori eles não conhecem. Aqui dentro também tem o *Cine Clube*, que a gente vai começar, a cada 15 dias vai exibir grandes obras do cinema mundial, restaurados, som 5.1... Não vai ser DVD no cinema, vão ser realmente grandes obras de grandes nomes do cinema mundial, e vai custar cerca de dois reais. A gente tinha que colocar os preços normais, para que as pessoas viessem e pagassem os preços

normais, mas é uma tentativa das pessoas virem mais pelo menos no primeiro ano. É importante mostrar também filmes do passado, da história, não apenas o que tem de novo. Uma coisa que a gente faz muito também, que acho importante ressaltar, é abrir muito espaço para o cinema nacional. Toda semana, no mínimo, a gente tem pelo menos dois filmes. Tivemos uma surpresa agora com *Elena*, que entrou em cartaz somente aqui, depois de três semanas ele foi para outra sala e ele teve uma resposta do público muito boa. Então às vezes demora para ver o resultado, muitas vezes a gente sustenta um filme, o mantém e não funciona tão bem a ponto de ter um público de imediato, mas é uma prova de que as pessoas também estão se acostumando a vir aqui para ver o cinema nacional.

### **9. Como surgiu a idéia de revitalização do Cine Glauber e de transformá-lo no Espaço Unibanco, agora Itaú?**

Eu era crítico de cinema e estava vendo todos os cinemas de rua sendo fechados aqui em Salvador e isso estava deixando realmente com uma tristeza muito grande. Eu vinha aqui no Cine Glauber, já tinha ouvido que o cinema ia fechar e ficava com isso na cabeça, ficava pensando, “não é possível que esse cinema vá fechar, que vá virar supermercado ou igreja”. Aí eu soube que a Igreja Universal do Reino de Deus ia comprar o cinema. Daí vi que precisava fazer alguma coisa. Comecei a conversar com outras pessoas, com exibidores que eu admirava de fora de Salvador, que tinham uma política voltada para o cinema nacional, o cinema independente, o cinema de outros países, que não fosse só o cinema norte-americano. E o Adhemar Oliveira, que era do Cinema Unibanco, e o Leon Cakoff, que era da Mostra Internacional de São Paulo, falaram que eu estava sendo muito sonhador, muito romântico, mas apoiaram a luta. Foram oito anos para conseguir essas parcerias com o Adhemar e com o Leon, convencer o Unibanco e convencer o Banco do Nordeste a fazer uma equação financeira com a gente. Foi muito difícil, muito difícil mesmo. E nos primeiros quatro anos eu achei que não fosse conseguir. O desejo era fazer com que esse cinema que já foi tão importante para Salvador não se perdesse. Não apenas como cinema, mas como parte do Centro Histórico. Então ele poderia ser um pontapé para a revitalização dessa região, da Praça Castro Alves, porque eu também sempre fui muito ligado ao Centro Histórico de Salvador. Sempre foi um lugar importante para mim e não conseguia entender como a sociedade baiana dava as costas para o Centro. Eu também pensei que quando o cinema estivesse aberto fosse ter mais ajuda também para revitalizar essa região, e não foi exatamente o que aconteceu. O cinema continua uma ilha aqui, é a única coisa que funciona à noite. Não é uma região, não é a Praça Castro Alves. É o Espaço Itaú de Cinema Glauber Rocha que funciona. Eu fiquei decepcionado e frustrado porque achei que o mais difícil já tinha sido feito, que era construir algo que fizesse uma grande parte das pessoas se locomover para cá.

### **10. Como funciona o Espaço Itaú de Cinema?**

Tem uma estrutura que funciona em São Paulo, para todos os espaços Itaú de Cinema, é uma cadeia. Tem aqui a nossa administração, ela é dividida, parte é comigo, parte é com eles e eu participo de tudo de uma maneira geral. Tem a programação que a gente faz toda semana, eu por telefone com meu sócio, a gente senta, a gente vê os filmes que estão funcionando, os filmes que devem ser trocados e é uma coisa relativamente simples depois que a gente faz a coisa funcionar, não é complicado. É uma gestão também dos funcionários, de quem está trabalhando aqui, de sempre estar otimizando e potencializando as pessoas que estão trabalhando bem. Eu, particularmente, tenho uma preocupação grande com o atendimento, então a gente sempre está fazendo pequenos treinamentos, é uma coisa que sempre estou acompanhando, bilheteria, café, portaria... para que as pessoas se sintam bem recebidas. A gente sabe que Salvador não é exatamente um exemplo de atendimento, de recepção... Então, para mim, é uma coisa importante que as pessoas venham para cá e se sintam bem. Até porque este cinema de alguma maneira pertence a uma memória coletiva, afetiva – então esse cinema não é meu, não é do Itaú, é um pouco da cidade mesmo, as pessoas vêm para cá e se sentem um pouco donas, tomam posse mesmo deste cinema, e acho isso uma coisa muito bacana, que gosto de preservar.

#### **11. Então a localização afeta o funcionamento do cinema?**

Afeta muito, na verdade a gente precisa de uma política aqui para o entorno, uma política de revitalização, pensar os espaços culturais que já existem aqui... E a gente não tem nada disso, não tem ninguém no governo estadual, ninguém na prefeitura até hoje que fez isso. Eu estou com esperança em relação ao Fernando Guerreiro [diretor teatral que assumiu a Fundação Gregório de Matos], embora ele tenha uma demanda muito grande, percebo que tem uma sensibilidade especial por esta região. O governo do Estado, de uma maneira geral, é insensível às demandas do Centro Histórico. Aconteceu um equívoco lamentável... Como isso daqui de alguma maneira foi uma bandeira do ACM durante muito tempo e ele fez uma requalificação, digamos assim, uma revitalização muito ruim, feita de qualquer forma, sem pensar a médio e longo prazo... No governo novo a tendência era falar que isso daqui não era tão importante, era um bairro qualquer da cidade e eu não acho que o Centro Histórico é um bairro qualquer, ele tem dificuldades que bairros como a Pituba não tem, ele tem especificidades que outros bairros normalmente não têm e tem uma importância que poucos bairros na cidade têm, então ele precisa de um cuidado. Não acho que é uma responsabilidade só do Estado, a sociedade civil precisa se preocupar com o Centro Histórico da cidade. Então da mesma maneira como eu, que era um crítico, me joguei para fazer isso daqui, acho que outros empresários, outros agentes culturais, precisam estar trabalhando no centro da cidade, é uma coisa que precisa ser estimulada pelos governos municipal, estadual, mas a sociedade também precisa ser mais ativa neste sentido. Temos muitas dificuldades aqui, vou falar em termos de segurança, por exemplo, o Centro Histórico não é mais inseguro do que a Pituba ou o Shopping Iguatemi ou Itapuã, não é, mas as pessoas lidam com o Centro Histórico como se fosse o bairro mais violento da cidade, não é, mas não é mesmo. Se você for ver o nível de

assaltos, homicídios, o mapa da cidade, o Centro Histórico está longe, mas se cair uma caneta aqui, parece que tem uma explosão nuclear [risos]... Se acontece na Pituba, que é o local que acontece maior quantidade de sequestros relâmpagos, não tem o mesmo efeito. Tem gente que passou quatro anos e meio nunca veio aqui. Tem muita gente que não conhece porque tem um preconceito com o Centro Histórico. Eu tenho meus preconceitos, por exemplo, não vou a *shopping center*, devem ter coisas bacanas, mas eu não gosto, não vou, mas sei que a grande maioria não gosta do Centro Histórico e eu acho que eles estão perdendo muito, precisariam vir aqui conhecer.

## **12. Quais são os critérios utilizados para definir a programação do Espaço Itaú de Cinema?**

A gente sempre tem o *blockbuster*, porque felizmente ou infelizmente é a forma das pessoas virem aqui. Quando a gente iniciou, pensávamos que poderíamos trabalhar mais radicalmente com filmes brasileiros e filmes alternativos aos de Hollywood, mas a gente logo percebeu que precisava ter os *blockbusters* também, misturar a programação. A gente tem uma vocação para o cinema nacional, sempre tem um ou dois filmes brasileiros aqui e a gente sempre tenta trazer filmes de outras nacionalidades também. Então tem uma mistura na nossa programação normal, desde o *blockbuster* até um filme brasileiro, passando pelo filme iraniano, pelo filme tailandês... A gente não pode perder de vista que aqui é uma sala comercial e que a gente vive do que produz, se a botamos um filme e não dá bilheteria vamos ter dificuldade de pagar um funcionário, então precisamos misturar a programação. Eu tenho uma vocação para o cinema alternativo, como programador, mas não posso perder de vista o que o público está pedindo e, infelizmente, o público quer ver os mesmos filmes, o público está cada vez mais conservador, mais desejoso de ver os *blockbusters*.

## **13. Qual a importância de ter salas de cinema fora do circuito dos *shoppings centers*?**

É importantíssimo, porque é uma experiência mais completa. Você vai ao cinema, você vê a sua cidade, olha o mar aqui da baía de todos os santos, está no Centro Histórico, isto falando desta sala. Acima de tudo é uma relação direta com a cidade. O que acontece no shopping é que não têm mais essa relação com o de fora. Eu considero isso muito ruim para todo mundo, para mim seria asfixiante. Estamos em uma cidade cada vez mais para carros e menos para as pessoas andarem, então a gente precisa lutar por uma cidade onde as pessoas possam andar e um dos poucos espaços onde podemos andar é o Centro Histórico. Você pode vir tomar um sorvete na Cubana, ir à igreja, almoçar no Ramma, vir ao cinema, vai assistir uma peça no Teatro Gregório (quando voltar), vai ao MAM, ou seja, é outra experiência... Para mim tem uma complexidade e uma riqueza que torna a ida ao shopping fica muito pobre diante dessas possibilidades. Temos que brigar para ter uma relação com a cidade, andar de bicicleta, se mobilizar através de bicicleta, transporte público de qualidade, poder andar pela cidade. Isso é qualidade de vida, ao meu ver, e muita gente acredita nisso, só que falta lutar de uma maneira melhor por isso.

**14. Quais as dificuldades, potencialidades e perspectivas da produção cinematográfica baiana? Quais os obstáculos para aproximar os filmes de arte da população soteropolitana?**

Em termos de dinheiro para a produção tem ficado melhor. Quando eu tinha 18/19 anos, o Collor destruiu a indústria cinematográfica no Brasil. Os anos 90 foram terríveis, praticamente não se produzia nada, até 95 não se produzia nada e se exibia quase nada também. Trabalhar com cinema no Brasil era uma vergonha, em Salvador nem se fala... Você falava com uma certa vergonha que trabalhava com cinema, daí as pessoas falavam "você mexe com cinema?", "mexe" com cinema, sabe? Era uma coisa estranha e hoje em dia a gente pode falar, eu trabalho com cinema, sou cineasta, estou fazendo um curta-metragem, um longa-metragem... Já são coisas possíveis, normais. Então acho que a gente já venceu várias etapas, mas a atividade cinematográfica é fraca ainda em Salvador, a gente não tem essa cinefilia... Eu já vi muitos jovens com potencial para o cinema, mas vão logo para a publicidade, para a política fazer campanha e isso destrói um pouco aquela paixão pelo cinema, o viver pelo cinema, que não tem a mesma rentabilidade que trabalhar na publicidade, fazendo campanha política. Eu não sinto uma renovação na Bahia, não estou vendo jovens cada vez mais com vontade de fazer... Tem um pouco, tem essa galera do coletivo CUAL, o Leo Sampaio que vem lá de Cachoeira, a faculdade de Cachoeira que tem começado a trazer novas pessoas, tem Wallace e o Marcelo do *Menino dos Cinco*, que ganhou Gramado, que já não são nem tão jovens (risos). Quer dizer... De vinte a quarenta anos, que é a minha faixa etária, são poucas as pessoas que estão trabalhando, mas pelo menos tem algumas poucas pessoas que estão conseguindo ter uma continuidade no cinema. Marília e eu, nós chegamos ao nosso primeiro longa metragem agora, na verdade são seis anos ininterruptos, sem para de produzir... Tem o Henrique Dantas, que sempre está trazendo documentários, tem o pessoal do DocDoma produzindo também. Tem a Paula Gomes, o Ernesto Molinero... São pequenos núcleos que sempre estão ativos e produzindo. Mas é pouco para uma cidade como Salvador, um estado como a Bahia, e aí volta com aquela questão da política, eu acho que se a gente tivesse uma política estabelecida seria mais fácil estimular os mais jovens e conseguir ter uma renovação. Na crítica, têm aparecido pessoas novas, que estão trabalhando em blogs... O Rafael Carvalho, Rafael Saraiva, Amanda, pessoas que estão começando.... Tem o Daniel Lisboa também, que sempre tá produzindo, vai fazer agora seu primeiro longa, o João Gabriel e Fábio Rocha vão fazer seus primeiros longas também, ou seja, já tem um caldo... O Edgard Navarro, que já é uma pessoa da geração passada, mas é uma pessoa que a gente tem uma admiração forte. Então são poucas pessoas, mas dá para fazer um barulho, dá para fazer alguma coisa, não vamos dizer que está morto. Vira e mexe o cinema da Bahia ganha prêmios também. Mas é isso, para ter cinema não basta ter só a produção, você precisa ter a produção, distribuição, exibição, crítica, preservação, memória e a gente ainda não teve de fato gestores que entendessem isso ou pelo menos tivessem condições ou capacidade de implantar isso. Esse ano foram 6 milhões no edital, já começa a ficar mais interessante... É muito longe ainda dos 12

milhões do edital de Pernambuco, que é um cinema que hoje talvez seja o mais forte do Brasil. Então acho que para aumentar esse caldo precisamos de ações em todos os sentidos, de uma maneira mais efetiva, mais ampla.

**15. Qual a importância da crítica na área da cultura? Como você avalia a crítica na Bahia?**

Eu vou falar de cinema, que é uma coisa que eu entendo... Como falei, é fraca, frágil, tem pouquíssimos espaços, os jornais não dão mais espaço para a crítica e eu acho que os *blogs* estão começando a preencher um pouco essa lacuna. Tem surgido uma nova geração de críticos, que estou ficando muito feliz de começar a acompanhar. O Rafael Saraiva, Rafael Carvalho, o João Paulo Barreto, acho que são três meninos que eu tenho orgulho e que passaram aqui pela oficina de crítica que o João Carlos Sampaio ministra no *Panorama*, já tem três ou quatro anos e eles realmente pegaram o gosto pela coisa, estão escrevendo, escrevem sempre e já não são promessa, estão de fato acontecendo, eles são críticos de cinema na cidade.

**16. Você é um diretor e produtor de cinema, qual a contribuição desta trajetória na gestão do Espaço Itaú de Cinema?**

Eu não tenho uma formação acadêmica em gestão, em produção, eu aprendi as coisas pela prática... Eu leio muito, estudo, até antes eu fazia isso mais do que hoje até, mas acima de tudo eu aprendi as coisas na prática, eu sou um autodidata e eu valorizo a prática, a realização das coisas. Então eu trouxe todo esse meu aprendizado como empreendedor, como produtor cultural, para minha gestão aqui. Tem muito de intuição, mas tem muito da minha experiência já, desde 95 que eu sou um empreendedor cultural, um produtor, sem passar por nenhuma faculdade. Tudo isso eu aprendi errando, fazendo, refazendo, acertando, aproveitando meus erros e meus acertos, e tudo isso que eu trouxe para cá. Sendo diretor e produtor de cinema, eu não passei por uma escola de cinema, eu aprendi vendo e fazendo filme, então levei essa experiência de cinéfilo pro set de filmagem. Toda vez que vou para um set é um espanto só, é sempre um aprendizado absurdo. Fazer o *Depois da Chuva* foi um aprendizado não apenas para mim, para Marília, mas para a grande maioria da equipe, e foi um negócio que funcionou bem, né? [risos]. A primeira vez de muita gente e teve dias com, contando os figurantes, mais de 150 pessoas em set. A gente segurou nossa onda, foi demais [risos]!

**17. Qual a importância dos festivais para o cinema e a relevância do *Panorama Internacional Coisa de Cinema* para a Bahia?**

O *Panorama* não é só para a Bahia, cada vez mais tem ficado importante para o cinema brasileiro. Nós fomos selecionados este ano para o *IndieLisboa*, com um curta metragem nosso e a gente trouxe ano passado um curador deles para cá. Eu seguia o *IndieLisboa* e era um festival na Europa que eu admirava muito, percebia que era uma curadoria séria, muito boa e eu trouxe o Miguel Valverde para cá. Ele conhecia pouco o cinema brasileiro e ficou encantadíssimo com as coisas



que viu aqui. Qual o resultado? O *IndieLisboa*, em média, tinha dois filmes brasileiros a cada edição por ano, esse ano ele teve 14 filmes brasileiros, desses 14 filmes, 12 foram vistos no *Panorama*, inclusive o nosso curta que eu passei para ele fora de competição. Nunca a participação do cinema brasileiro foi tão forte como esse ano e o *Panorama* tem uma responsabilidade 100% direta nisso. Então cada vez mais eu percebo que o *Panorama* está consolidado como um dos principais festivais para o cinema brasileiro. Cada vez mais a gente começa a ter cinéfilos na cidade que esperam o *Panorama* para estar conferindo o que há de melhor no cinema brasileiro e internacional... Curta metragem, longa metragem e filmes estrangeiros, e este ano acho que vai ser um festival ainda mais bacana, mais forte. Ano passado, foram dois curadores e a gente vai ampliar esses curadores internacionais. Festivais são importantes porque tudo isso que a gente está falando do circuito comercial, que o público está conservador, com os festivais a gente consegue mostrar para o público que existe um cinema diverso sendo produzido no mundo todo, não apenas o cinema brasileiro. Também tem essa coisa do evento, tem uma euforia, então as pessoas correm para ver os filmes. Cada vez mais a gente precisa ter outros festivais de cinema. Tenho visto o *CachoeiraDoc* que está crescendo, está ficando consolidado, eu acho isso muito importante... A mostra de Vitória da Conquista já está indo para o 9º ano. Essas mostras todas são importantes para a circulação do cinema brasileiro, do cinema baiano e do cinema mundial de uma maneira geral, porque o circuito comercial está conservador, infelizmente, e o público do circuito comercial também está muito conservador.

**\*Entrevista realizada por Camila Brito e Lara Carvalho, dia 14 de junho de 2013, no Espaço Itaú de Cinema Glauber Rocha, em Salvador.**